



ALLEMANHA — CASA DA MOEDA EM MUNICH.

De todas as capitães da Europa a cidade de Munich é talvez a que tem passado por uma transformação mais extraordinária desde o começo d'este século.

A maxima parte dos seus edificios publicos foram construidos desde 1820 até 1854; e alguns ainda estão por concluir.

O rei Luiz, de Baviera, não satisfeito de edificar palacios para a familia real, para as artes, para as sciencias, para a industria, e igrejas para todos os cultos, mandou restaurar a maior parte dos monumentos levantados pelos seus predecessores.

Releva, porém, confessar que n'este empenho o soberano-artista seguiu com vigor, perseverança e

gosto singulares o systema seguido pelo seu antecessor o rei Maximiliano I.

A casa da moeda de Munich, foi construida no reinado do primeiro monarca da Baviera, em 1573, no Hofgraben, para servir de arena de torneios e justas. Foi este um dos monumentos publicos cuja restauração se ordenou ultimamente, sendo commettida a direcção artistica dos trabalhos ao celebre architecto Gaertner.

O edificio realmente merece ser visitado, não só pela sua capacidade e architectura, como pelas preciosidades que encerra.

Os cunhos das moedas que ali se batem foram em grande parte gravados por Voigt. É digna de espe-

cial exame a collecção de thalers cunhados por ordem do rei Luiz para o estudo da historia da Baviera, bem como a das novas moedas gregas.

A gravura representa o pateo interior; é um vasto parallelogrammo, guarnecido de tres galerias de arcadas, que dão serventia aos aposentos interiores, gabinetes de experiencias, salas de trabalho etc. Em quanto á administração do estabelecimento nada temos que mencionar, senão que se distingue pela boa ordem e disposição das officinas, prompta e excellente execução do serviço, que ali é feito com a pontualidade e intelligencia que em geral caracteriza a raça allemã.

O VOADOR.

1709 — 1724.

I.

O relógio da cathedral de Lisboa acaba de dar pausadamente as doze badaladas da meia noute, e todos os sinos da cidade prorompem a um tempo no mais festival repique.

Porque se agita o bronze sagrado no alto dos campanarios a essa hora fatidica da noute, no momento predilecto das bruxas e dos lobis-homens?.... É porque terminou o dia 4 de agosto, e começa o dia de Nossa Senhora das Neves, destinado para a nocturna *procissão dos Ferrólhos*.

Eis-aqui a origem d'essa solemnidade religiosa, desempenho de um voto, que se cumpria ainda ha poucos annos, e que acabou... como tudo acaba entre nós (1).

A peste assolava a capital, e quasi todos os seus habitantes haviam fugido para longe d'ella; os poucos, porém, que ficaram, confiando sobre tudo no auxilio divino, voltaram-se para a Mãe de Deus, a virgem protectora dos afflictos, que nunca abandona os que invocam o seu nome com fé viva. Reuniu-se a camara em vereação extraordinaria, presidida pelo cidadão D. Julianes da Costa, no dia 18 de janeiro de 1599, e ahi assentaram os dignos camaristas que «A cidade faria voto a Nossa Senhora da Penha de França de lhe erigir uma decente capella, com seu retabulo, e dar-lhe um bom ornamento, bem como de lhe fazer annualmente uma procissão, logo que a santa virgem alcançasse de seu bento filho a extincção da peste que devastava Lisboa. O presidente e vereadores promettiam mais, por uma vez sómente,

(1) Estava composto ha tempo o presente artigo, e entreguei na redacção do Panorama, quando, na Imprensa e Lei de 2 do corrente (agosto) se publicou sobre o assumpto um outro artigo, do qual copiamos os seguintes periodos:

«Consta-nos que pelas activas diligencias da irmandade de S. João Baptista e Nossa Senhora de Penha de França, se fará este anno a antiga procissão, vulgarmente chamada dos *ferrólhos*, que ha vinte e tantos não saia.

«A irmandade, fundando-se no cumprimento d'estes deveres, requereu á exm.^a camara municipal de Lisboa que, visto não haver motivo para que se houvesse nos annos anteriores quebrado este uso, se continuasse agora.

«A camara, em vista das allegações irrecusaveis contidas no requerimento da irmandade, recorreu para s. em.^a o sr. cardeal patriarcha, a fim de commutar este voto, o que lhe foi deferido; devendo porém, no dia 5 do corrente, mandar celebrar na igreja da Penha uma missa solemne, a que deverá assistir.

«Satisfeito por esta forma o voto da cidade, resolveu a irmandade, por devoção, fazer a procissão no domingo 12 do corrente, vindo a imagem da Senhora de Penha de França para a real igreja de Santo Antonio no sabbado 11, onde estará á veneração dos fieis que ali a quizerem visitar; e voltará para sua casa no domingo de tarde, acompanhada pelas irmandades das parochias por onde tem de passar, e de uma guarda com musica, etc.»

acompanhar descalços a mesma procissão, que saíria pela manhã muito cedo da igreja e real casa de S. Antonio, levando a imagem da Senhora para a sua capella de Cabeça d'Alperche (Penha de França). E estatuiram, finalmente, que, em cada anno, se faria a procissão no mesmo dia em que se fizesse a primeira.»

O povo, por seus procuradores, approvou a promessa da cidade, orçando em cinco ou seis mil cruzados, e mais não, as despesas da capella, retabulo, e paramentos; e el-rei confirmou o voto, e mandou que aquelle dinheiro saísse do rendimento das carnes e real d'agua.

A primeira procissão teve logar no mesmo anno, a 5 de agosto, pela madrugada; depois saía logo que dava meia noute, o que era tão poetico como a missa do Gallo: porém a camara municipal acabou com esta antigualha.

E agora os administradores dos bairros prohibiram as fogueiras de S. João..... Estamos quasi um povo civilisado!

Voltando, porém, á procissão dos Ferrólhos, seria curioso saber por que se lhe deu tal nome. O sr. Tullio, laborioso investigador de antigualhas, que escreveu sobre o assumpto na *Revista Universal*, diz ter lembrança de haver lido algures que, assim se lhe chamou popularmente, porque saíndo a procissão de S. Antonio á meia noute, iam os devotos caminho da sé accordando uns aos outros, batendo-lhe ás portas; e que até já em procissão continuavam a fazer o mesmo, para convocar os que quizessem acompanhá-los, ou resar de suas janellas.

Nós ouvimos ainda outra versão, que é a seguinte. Os rapazes que, em grande numero, acompanhavam a procissão, iam pelas ruas do transito batendo ás portas de todas as casas, cujas janellas estavam fechadas, para perturbarem o somno dos moradores pouco devotos, resultando d'este repetido *tocar no ferrólho* o nome da procissão. É mais um osso que damos a roer aos antiquarios, submettendo á sua analyse esta grave questão; e agora prosigamos a nossa historia

Era pois a noute de 4 para 5 de agosto de 1709. Os sinos repicavam festivalmente, como dissemos; e as janellas do largo de S. Antonio da Sé abriam-se successivamente, desenhando as luzes nas paredes de cada casa as sombras alongadas de vultos humanos. As portas da igreja girando sobre os quicios davam saída aos personagens da procissão, que a custo rompiam por entre as alas do povo, agglomerado desde o anouteecer nas escadas e adro do templo. Algumas confrarias acompanhavam a devota imagem de Nossa Senhora, que ia no seu andor todo luzente de galas, aos hombros de quatro fidalgos, ou magistrados. O senado da camara, o juiz e o escrivão do povo, os mestres e bandeiras dos officios, enfim, toda a casa dos Vinte-e-quatro, seguiam o andor; depois caminhava a cleresia e o pálio, e fechava o prestito uma guarda de honra, com sua banda militar na frente.

Porém o que mais attrahia as attensões do povo, que acompanhava a procissão, era um penitente que, arrastando grilhões, e curvado debaixo do andor, ia fazendo um susurro immenso com o roçar dos ferros pelas pedras, similhante ao ruído que fariam muitos ferrólhos.....

Quem sabe se é esta a origem do nome da procissão, pois que era vulgar a devoção de penitentes agrilhoados?... Eis um terceiro alvitre!

Va a commissão de archeologos.

Os cirios que os devotos levavam na mão illuminavam sufficientemente as ruas do transito, para que

se pudessem distinguir as feições áquella hora adiantada da noute; porém era impossível ver o rosto do penitente, mesmo para os que iam mais perto d'elle, porque lhe cobria a cabeça um capuz de grosseiro panno cinzento, e apenas se lhe enxergavam por baixo da veste e das calças do mesmo estofo, os pés nus e delicados, que logo aos primeiros passos se feriram com o roçar das algemas, e o contacto das pedras soltas da rua.

Um clérigo ainda moço, que desempenhava as funções de mestre de cerimoniaes n'este religioso acto, acercava-se do andor cada vez que parava a procissão, com o fim ostensivo de substituir por outros os devotos que cansavam no pio exercício de conduzir a Imagem; porém não deixava de aproveitar o ensejo para dirigir confidencialmente algumas palavras ao agrilhado, em voz tão sumida, que ninguém podia escutal-as, por mais que apurasse o ouvido.

E de feito, um dos cavalheiros que pegára ao andor logo no principio do transitio, e que era mais desconfiado do que os outros, talvez em razão do seu cargo de corregedor do crime, notou immediatamente aquella mysteriosa intelligencia entre o penitente e o mestre de cerimoniaes; com o olhar de lince do juiz adivinhou que, n'aquellas relações, havia alguma cousa de extraordinario; e tornou-se todo elle ouvidos, como costuma dizer-se, na diligencia de apanhar alguma palavra que pudessem escapar ao moço clérigo. Quando chegou a sua vez de largar o andor, e que trocou a forqueta pela vara que lhe apresentou um meirinho, o nosso magistrado mergulhou um olhar curioso sob o estrado da devota Imagem, e lá talvez ficar senhor do segredo, quando o padre, que lhe adivinhou a intenção, atravessando rapidamente por ante elle, puxou com força para o rosto do penitente o capuz que escorregava da cabeça, e disse-lhe em voz baixa algumas palavras.

O corregedor ouviu um suspiro abafado do penitente, e só pôde perceber que o mestre de cerimoniaes lhe recommendava coragem. A procissão proseguiu lentamente o seu caminho, porém o magistrado não se arredou mais do andor.

Desconfiado, a seu turno, do entremettido devoto, o joven ecclesiastico fletou-o com disfarce, e estremeceu reconhecendo-o. O corregedor sorriu-se, e asucando a voz quanto lhe foi possível: — Pobre penitente! exclamou, como leva os pés ensanguentados. Depois voltando-se para o padre: — Conhece-o? lhe perguntou como por demais.

O clérigo recobrou logo todo o seu sangue frio, como homem corajoso que era; e respondeu com a maior placidez: — Não o conheço, sr. corregedor.

E em seguida, para evitar nova pergunta do esperto magistrado, resolveu-se elle mesmo a interrogar-o.

— Não julgava, continuou o clérigo, que o sr. Caetano José da Silva Sotto Maior fosse tão devoto de Nossa Senhora! sempre tão perto do andor!...

— Amigo Bartholomeu Lourenço de Gusmão, replicou o juiz, sempre com ar de bonhomia, mas accentuando o nome, sobre nome e appellido do padre, como elle também fizera a seu respeito; bem sabe quantas historias escandalosas se inventam por ali, e se contam, em desabono do pobre *Camões do Rocio*. Quero desarmar a calumnia, mostrando a minha piedade diante de todo este povo.

— Quem pôde duvidar dos sentimentos religiosos de um amigo d'el-rei? E então de um monarca como D. João V (que Deus guarde,) a melhor columna da Igreja!

E dizendo estas lisongeiras palavras, o mestre de cerimoniaes afastou-se para vigiar pela ordem da procissão, não perdendo comtudo de vista nem o astuto corregedor nem o penitente.

— Não me enganas, meu padre *passarola*, resmungou o Camões; e chegou-se ainda mais para o andor.

Já passava da uma hora quando o prestito entrou na ermida, vistosamente adereçada e illuminada, que lá receber a milagrosa imagem da Senhora, e ainda o corregedor nada adiantára com as suas curiosas investigações. Chegando o andor á capella-mór, pegou o mestre de cerimoniaes na mão do penitente, e foi collocar-o junto ao altar, para assistir á missa que se lá dizer, em cumprimento do voto da cidade; e logo que o sacrificio incruento se consumou, guiando de novo o desconhecido, introduziu-o por uma pequena porta que dava para a sacristia, e galgando com elle os degraus de uma estreita e ingreme escada, entraram n'um quarto sem luz, onde o padre exclamou:

— Finalmente, estamos salvos!

— Eu morro de cansaço, respondeu-lhe uma voz fraca.

E sentiram-se cair no pavimento os pezados grilhões do penitente.

— Ainda um momento de paciencia e de isolamento, e já volto a tratar de ti.

Proferindo estas palavras, o clérigo saíu do aposento, fechou a porta á chave, desceu a quatro e quatro os perigosos degraus da escada, e appareceu de novo na capella-mór, sem que se lhe notasse no rosto o menor signal d'emoção. Encontrando, porém, n'aquelle recinto, os olhos perspicazes do Camões do Rocio, que se fixavam tenazmente sobre os seus, não se achou com forças de parar o golpe, e voltou-se com devoção, ao menos na apparencia, para o celebrante que dirigia uma edificativa pratica ao auditorio.

Depois começou o povo a escoar-se silenciosamente pelo portal da ermida. O padre Bartholomeu, que era o capellão de Nossa Senhora da Penha de França, e habitava ali mesmo, aguardava impaciente que saísse o ultimo devoto, para mandar cerrar os cancellos pelo sacristão, quando sentiu que lhe tocavam de leve no hombro.

— Ainda aqui, sr. corregedor? disse o clérigo voltando-se, não sem um ligeiro estremecimento... que devoção!

— Devoção e curiosidade, respondeu Sotto Maior no tom mais natural.

Um novo tremor accommetteu o clérigo, e não teve animo de replicar.

— Amanhã... logo, para melhor dizer, por volta das dez horas, venho fazer-lhe uma visita; continuou o magistrado.

Bartholomeu sentiu uma especie de calafrio, e permaneceu silencioso.

— Como lhe disse, tornou ainda o juiz, dous motivos: devoção e curiosidade...

— Estou sempre ás suas ordens, resolveu-se emfim o padre a responder, interrompendo-o; porque já tinha architectado um plano de defeza contra as astucias do corregedor.

O Camões, que percebera a momentanea perturbação do clérigo, proseguiu:

— Tenho que pagar a Nossa Senhora uma promessa que lhe fiz ha dias, atravessando o Tejo em um pequeno barco, quando soprava o mais furioso vento palmellão.

— É muito justo; não se deve faltar ao cumprimento de uma divida tão sagrada. Eis-ahi pelo que toca á devoção. Agora...

— Quanto á curiosidade?...

— Justamente, balbuciou o padre, reprimindo a custo o terror.

— Desejo ver a sua machina aerostatica, a *passarola*, que vae fazer subir aos ares na presença d'el-rei... quando será isso?

— D'aqui a tres dias, se o tempo o permittir.

— Concede-me então, meu reverendo, que a examine amanhã, isto é, logo?

— Com todo o gosto.

— Bem; adeus... A proposito, o penitente fica aqui?

— Sim, senhor; é sacristão da capella.

— Tambem o poderei ver?...

— D'aqui a algumas horas, de certo; por ora deve estar muito fatigado.

— Então, até logo, padre Bartholomeu.

Já não restava na igreja mais do que o sacristão, que dormia em pé com as chaves pendentes. O clérigo acompanhou até á porta o seu curioso interlocutor, e quando o viu afastar-se em companhia de uma duzia de meirinhos, cerrou rapidamente os battentes, chamou o sacristão tantas vezes quantas foi necessario para o accordar, ordenou-lhe que trancasse a porta, que apagasse as luzes, e que lhe fosse falar antes de deitar-se; depois correu para a sacristia, e sumiu-se pela escada de que ha pouco fallamos.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA,

NA ARCADIA — ALCINO MICENIO.

1728—1770.

XI.

Aonde nasceu o poema buccolico? Quem foram os seus inventores? Eis duas perguntas a que não é facil responder.

Naturalmente o idyllio viu a luz nas regiões mais adequadas pelas circumstancias poeticas e musicas; e camponезes dotados de imaginação e harmonioso ouvido foram os primeiros, que lhe deram ser e forma.

É o que se collige do exame dos factos, e da comparação dos auctores.

A Sicilia passou sempre por ter sido o verdadeiro berço da ecloga, e a razão de Vossio em abono d'esta opinião não parece de todo inconcludente. O dialecto vulgar da ilha era o dorico, e n'este se escreveram exclusivamente as buccolicas gregas.

Mas o que se póde affiançar é que na Tinacria existiam desde tempos remotos os modelos e os primores do genero, que as imitações latinas invocam e applaudem.

Virgilio e Horacio apontam a Ausonia como patria da buccolica romana, e os criticos reconhecem que foi já tarde que ella appareceu e brilhou nas duas litteraturas antigas.

Os ocios dos pastores e as festas rusticas inspiravam as cantigas dialogadas e os monologos, *agres-*

tem musam, conforme a expressão de Lucrecio, em que os cabreiros e lavradores se entretinham descansando das fadigas do arado.

Os versos fascenninos, usados nas ceifas e vindimas, dão ares de uma especie de poesia pastoril, e assemelham-se bastante ao *carmen amœbeum*.

Esta foi provavelmente a origem da ecloga natural, d'aquella que nasceu espontanea junto da choupana, entre os balidos do rebanho, e as modulações da flauta campesina.

A outra, o poema culto e artificioso, não se remonta a tão alto; e póde attribuir-se talvez á epocha de Cyro, e aos cantos de Stezichoro, no qual Eliano quer que principie o genero.

Outros só começam a apreciar-o de Theocrito em diante.

O gosto predominante do seculo em que este floreceu, aproximava-se muito nas feições do seculo em que Horacio, elogiando o delicado engenho de Virgilio, exclamava a respeito das buccolicas:

Molle atque facetum

Virgilio annuerunt gaudentes rura camenæ.

No-tempo dos Ptolomeus, bem parecido ao de Augusto, o coração ressequido e sangrado pela contínua lucta, procurava com ancia, mesmo nos prazeres intellectuaes, o socego venturoso, e a solidão agradável dos campos, desejando respirar um momento desafogado e satisfeito.

O espectáculo das discordias presentes offerecia-se tão doloroso, que os olhos fugiam com alegria para os viçosos prados e para as matas escuras, aonde os pastores syracusanos, e os Menalcas da Italia, coroando de boninas e flores silvestres as suas Daphnis, discantavam preguiçosamente recostados na relva, des-cuidados do mundo, e entregues só aos zelos e esperanças do amor.

Era tão grande a corrupção, que o espirito achava allivio, e se consolava, abraçando a innocencia dos costumes ideaes dos Tytiros e Palemons de Virgilio, ou escutando os brandos queixumes e disputas dos pastores de Theocrito e Moscho.

Venit de glande Menalca! diz Virgilio, explicando com uma só phrase a procedencia e o character dos personagens das suas scenas.

Aquelles camponезes que fallam nas suas eclogas, e nas do poeta siciliano, na physionomia, e na linguagem são verdadeiros camponезes de Tarento e de Mantua; e a arte, polindo o mais agreste, na sua rusticidade conserva-lhes todavia o sufficiente para elles accusarem a sua indole, e não perderem as feições proprias.

Rapin e Marmontel, nas definições mesquinhas que estabelecem, esqueceram isto para se lembrarem só de peias e restricções, que, sendo seguidas, roubariam mais de metade dos seus foros e liberdades ao genero.

Não só ordenaram, que a serenidade fosse absoluta nos dominios do idyllio, e proscreveram por viciosas todas as pinturas, que a pudessem perturbar; mas, passando além com as paixões infelizes e violentas excluiram até os trabalhos peizados, desterando ceifeiros e pescadores, por não guardarem a castidade e a pureza devidas á idade d'ouro!

Confirmada esta sentença, quaes seriam os poemas campestres de Theocrito, e de Virgilio, que se absolvessem do novo indice expurgatorio? Os pastores de ambos são homens, e participam das fraquezas do mundo. Ciumentos, vingativos, e alguns até viciosos, não encerram as suas fadigas em uma só pro-

missão, mas tratam de todos os trabalhos das lavras e do monte.

Não contentes ainda os architectos de poeticas, a pretexto de salvar a unidade do painel, prohibiram mais que a ecloga se occupasse das cousas da cidade, ou alludisse a ellas, quando o exemplo dos mestres ensina o contrario.

Nas obras de Theocrito e Virgilio Syracusa e Roma formam sempre o fundo do quadro, e os regalos, opulencias, e desgraças da capital recordam-se e lastimam-se a cada passo nos dialogos.

O poeta da Eneida oppõe Melibeu fugitivo a Tytiro venturoso por conservar a herança paterna, e a imagem luctuosa da ultima discordia civil domina a sua pintura, e produz as maiores bellezas que a ornam.

O fanatismo dos criticos chegou a ponto que Heine, em um accesso de rigor implacavel, até castiga o mesmo Virgilio, destroncando sem commiserção das collecções das bucolicas todas as eclogas que não pôde estreitar nos seus moldes, e condemnando estas por um motivo, e aquellas por outro, e não deixando intactas senão quatro, proclamadas as unicas perfectas, e dignas de imitação, já se sabe em virtude de que principios!

Entre nós a poesia bucolica, desde o seculo XVI, cresceu, tomou vulto, e veiu a exercer bastante influencia.

Raro será o poeta de alguma fama, por mais esquerda que sentisse a musa para as simplicidades campesinas, que não tentasse um, ou mais ensaios, copiando dos gregos, dos latinos, e dos italianos!

Por infelicidade a invenção e a originalidade pouco os favoreciam. Uns querendo imitar á força as graças rusticas de Theocrito caíam em rasteiros e rudes, em quanto outros, julgando facil repetir as concisas imagens de Virgilio, perdendo o exemplo de vista, aviltaram o modelo em trocadilhos semsabores, e insipidas parodias!

Bernardim Ribeiro, no seu estylo singelo, em que a affectação desponta apenas como leve sombra, é o escriptor nosso, que mais falla ao coração, e que sabe dar á sua phrase o sabor aldeão e natural, sem por isso deixar de mostrar, aonde se precisa, um travo fino, que esperta o paladar.

Em outro aspecto, Rodrigues Lobo não lhe cede, matizando com escolha as paizagens, tirando muitas d'ellas das formosuras da natureza viva, e não dos livros, e figurando nos seus pastores homens de juizo são, que não são doutores, e que entram em scena no lugar proprio, fallando só do que devem saber, e conservando sempre a cor e as idéas da vida que representam.

XII.

A Arcadia, arvorando o estandarte da restauração classica, e dedicando-se a apurar a observancia dos preceitos, já se vê aonde iria buscar as regras, que dictou á ecloga.

Os seus horisontes limitavam-se aos da antiga arte; a sua divisa era a resistencia contra as novidades; e por isso pouco admira, que não tirasse os olhos dos bucolicos latinos, e dos modelos adoptados por elles.

A definição do genero correspondia a idéa formada d'elle,

A ecloga, na poetica do seculo XVIII, reduzia-se á pintura dos costumes campestres, e devia retratar a simplicidade dos pastores, a innocencia de costu-

mes, e as occupações de uma vida socegada, empregando imagens insinuantes, e descrevendo a natureza fertil, no meio da profusão das suas riquezas.

As fronteiras acabavam aonde se fechava o circulo da imitação; e a realidade idealisada ficava de fóra.

Para ser applaudido n'estas composições, o poeta carecia de memoria e de certo gosto para se recordar a proposito dos rasgos de Virgilio, e dos modernos da mesma escola, e para os ajustar á sua obra.

Os pastores, que podia metter, traziam já physionomias conhecidas e quasi officiaes, inclinações determinadas, e até palavras calculadas.

A vida campestre não se esboçava, interpretando a natureza, as paixões, e os costumes. As leis da critica tinham regulado tudo de antemão, e a pretexto de guardar a fabulosa innocencia da idade de ouro, prescreviam a monotonia, chamando-lhe simplicidade! Vernei, o precursor da reacção classica d'este periodo, quando chega ao idyllio, no seu livro do *Verdadeiro Methodo de Estudar*, censura a variedade de versos introduzida por Camões, e queixa-se de se perder assim a ingenuidade e a moderação.

Antonio Diniz alarga-se mais, e não reputando leve a empreza de escrever no genero bucolico com elegancia e propriedade, passa a enumerar as prendas para sobresaír n'elle. Vê-se, que aprecia melhor do que Vernei as difficuldades, e que não trata quasi de resto como elle os engenhos que as vencem com louvor.

Traçar uma scena campestre, como as de hoje, em que as formosuras de um sitio viçoso, ou a belleza severa de uma paizagem magestosa occupem o fundo; collocar n'esta scena verdadeira a existencia rural com os accidentes e paixões, que a modificam, e não como em sonhado painel a desfiguravam as arcadias correndo atraz da fabulosa idade de ouro, é comparativamente mais facil, do que inspirar-se de descripções mortas, voltando costas á realidade, e preferindo o colorido magro de um genero falso, e as suas prizões á liberdade sensata, e ás tintas vivas da interpretação desassombrada e ampla.

O estylo era tudo na antiga ecloga. Affectuoso, singelo e fluido, devia encobrir a pobreza da invenção e da idéa, reanimando a insipidez dos lamentos amorosos, e das queixas dos pastores.

Evitando phrases baixas, e figuras triviaes; não podia exceder a mais delicada medida sem cair logo no vicio contrario, mascarando de cabreiros corleões espirituosos!

Se copiava da indole dos aldeões, e não adoçava o retrato, a critica offendia-se, condemnando o esboço como sordido e desprezível!

Elpino fortifica-se n'estes dous reductos, e d'elles vareja sem descanso os tristes Corydons, e os lastimosos Melibeus, heroes de bernal e varapau, que certo bucolico do tempo tinha a indiscrição de querer apresentar no recinto perfumado das academias, cujo Menalo era uma camara forrada de sedas, e cujas selvas e asperezas se encontrariam, quando muito, nos paineis, que as ornavam!

De certo, com as proporções impostas ao idyllio, e á ecloga, nada mais repugnante, do que a affectação rustica de palavras vulgares e vis, e de acções grosseiras e triviaes; e que Diniz as reprehendia com motivo asseguram-o os proprios versos do patrono do estylo selvagem, citados pelo malicioso poeta do hyssope para corroborar o corpo de delicto.

Sigamos esta curiosa aberração!

Um vaqueiro chamado Nuno accorda o seu amigo.

e vendo-o enfadado por lhe ter quebrado o somno, exclama:

Com mui pouco te quebrantas;
E se o houvesse presumido,
Não te vinha erguer das mantas:
Mas estarás aborrido,
Que inda agora te levantas!

O outro pastor, digno Mopso d'este Menalca, responde á proposta de irem juntos vêr as sementeiras, com igual brutalidade:

Hei de ir, porque hei de dar rega,
E deitar á gelva o macho,
Que lhe dei honte uma esfrega:
E vêr os homens do sachô;
E hei de pôr outros na cega.

O honrado Nuno fustiga-o então deveras, e conclue por esta sentenciosa observação:

Por Deus que quem tanto havia
De fazer, estar de borco
Na cama até alto dia,
A ressonar como um porco,
Foi boa calassaria!

Imagine-se o effeito de semelhante poesia nos ouvidos cultos dos socios de Elpino, dos laureados de Apollo e das musas! É provavel, que o riso fosse mais curto, que a indignação.

Mas eram as regras da Arcadia innocentes de todo n'este ridiculo absurdo?

O genero falso, tão inculcado, e a escravidão imposta aos buccolicos, não arrastariam necessariamente a um de dous fataes extremos, ao rustico dialogo do vaqueiro Nuno, ou aos requintes alindados, e finézas semsabores dos Tytiros e Dametas mais peritos no chamado estylo simples?

Eis a causa porque desfallecem em arena tão breve engenhos, que sem esforço podem com as maiores empresas.

Para não cair aos primeiros passos, e atravessar por entre as malhas complicadas d'esta rede de minucias pueris era preciso possuir vocação especial, e ao mesmo tempo dispor de certa medida de dicção e colorido. A demasia da opulencia não prejudicava menos do que a pobreza.

O Quita estava no caso. Tinha os dotes adequados, e por inclinação temia os rasgos atrevidos, e os assumptos arriscados.

É o segredo da superioridade, que tem na ecloga, alcançada de tão poucos.

O seu engenho cabia sem violencia no estreito molde das regras, e como o de Camões não aspirava continuamente a excedel-o!

(Continúa).

L. A. REBELLO DA SILVA.

NOTAS SOBRE O MAR D'AZOF E O MAR PUTRIDO.

I.

A primeira inspecção de um mappa da Criméa (Taurida dos antigos) vê-se que esta península, que mais parece um appendice extraordinario do que uma parte integrante da Europa, boja pelo mar Negro dentro na forma de um quadrilatero, correspondendo os seus angulos aos quatro pontos cardeaes. Porém, o angulo oriental tem um desenvolvimento

tal que desmancha a regularidade do quadrilatero, e por si constitue segunda península, que na antiguidade foi separada da Criméa propriamente dita por uma larga cortadura, defendida com muralhas e pequenas torres. É a península Trachea, hoje denominada de Kertch, territorio do reino do Ponto, famoso na historia pelas proezas de seu rei, o illustre adversario dos romanos, Mithridates Eupator.

A Criméa está pegada á Europa na sua extremidade do norte pela lingueta ou isthmo de Perekop. Toda a porção no angulo septentrional da península e desde o mesmo isthmo até o estreito de Yenikalé foi rota e invadida pelas ondas da alagôa ou *Palus Meotis* (hoje mar d'Azof) deixando uma aggregação infecta de aguas em geral estagnadas, que só têm communicação com esse mar pela apertada garganta ou estreito de Ghenitch; considerada já no tempo dos antigos geographos gregos foco de pestilencia, mereceu-lhes o nome de mar Podre (*Mare Putridum*) e actualmente por outro analogo, Sivach, o nomeiam os povos que frequentam suas praias inhospitas.

Nas margens do mar Putrido ou Sivach e nas vizinhanças de isthmo de Perekop se encontram principalmente as lagôas salgadas, d'onde em tempos normaes e pacificos se extrahe não somente todo o sal que se consome na Criméa, mas tambem as quantidades infinitamente mais consideraveis que abastecem d'este genero as provincias da Russia meridional, e se exportam para a Moldavia, a Valaquia e outros territorios do Danubio. A cidade de Perekop, posto que pequena, parece que exclusivamente se fundou em razão do transito d'esta mercadoria, occupando um terreno escalvado e esteril; pelas suas portas (escreve o acreditado viajante Lyall) passam annualmente vinte mil carradas de sal para as provincias meridionaes da Russia.

Alguns d'esses charcos seccam com os grandes calores do verão, e n'esta epocha do anno offerecem á vista uma vasta superficie coberta de camadas de sal crystallizado; os principaes estão proximos de Perekop, sendo dous os mais importantes, Staroé-Osero (lago velho) e Krasnoé-Osero (lago vermelho.) N'estes, como em todos os que ha n'outros pontos da península, forma-se o sal desde o meiado de junho até agosto; o calor faz evaporar a agua e accelera a condensação dos principios salinos. Tiram-se com pás de pau os acervos de sal que se formaram, e a pouca profundidade e a solidez do terreno facilitam a entrada de peizados transportes puxados a bois, que se carregam dentro das mesmas lagôas. Com os mesmos meios de conducção levam os habitantes da Criméa, durante a estação sêcca, o sal que assim colhem, até á Polonia, sem fallar nos governos visinhos; chega a exportar-se em grande quantidade pela via maritima para a Anatolia e para Constantinopla.

Da mesma maneira que o Sivach todos os lagos salgados são para a Criméa outros tantos focos de infecção, e á sua funesta influencia se hão de attribuir as febres intermittentes, como geralmente se observa em todas as comarcas onde ha marinhas.

Ainda ninguem attingiu de um modo positivo as causas da existencia d'essas immensas quantidades de agua salgada no interior das terras; a opinião commum é que tendo o mar coberto em tempos remotos esses plainos de nivel mui baixo, os lagos seriam então calhetas e angras onde o rolo das ondas formára bancos de areias e limos amontoando-os do fundo do mar: quando o nivel abaixou em razão de um phenomeno acontecido em varias localidades, fi-

cavam aquelles bancos descobertos e em secco, e as caldeiras das angras separadas do mar apresentaram-se como ainda hoje se vêem; e a evaporação é tão consideravel que deixa cristallisar o sal em cavidades vastas e pouco fundas. Pareceria que estas marinhas exploradas desde tempo immemorial iriam minguando successivamente; comtudo não se lhes nota diminuição sensivel, e por isso se conjectura com algum fundamento que essas alagôas encerram mananciaes salgados, e por isso não se esgotam. Se existem essas fontes ou communicações submarinas, nenhum movimento particular, nenhuma corrente na superficie das aguas as indica.

O Sivach parece dever a sua origem ás aguas que produziram os lagos salgados, dos quaes só differe por ter conservado, mediante o estreito de Ghenitch, communicação com o mar d'Azof; os ventos de leste e do norte, que n'este são em extremo violentos, impellem vagalhões immensos que no impeto da agitação arrojam arcias sobre a costa oriental da Criméa. Quando o nivel do mar era mais alto, aquelles ventos teriam feito um banco comprido ou pontal a certa distancia da costa e paralelo á mesma pelo recuar das ondas. Esse banco, agora descoberto porque o nivel do mar baixou, é a lingua de terra, descripta nas cartas com o nome de flecha d'Arabat, cuja origem é attestada pela sua forma e costa rasa e areenta ao oriente, bem como pela sua elevação uniforme e pouco consideravel. Póde razoavelmente suppor-se que o Sivach seria hoje um grande lago salgado se não tivesse conservado communicação directa com o mar d'Azof pela estreita passagem que já nomeamos, e que todavia não dá sufficiente circulação ás suas aguas para preserval-as da putrefacção que até bem longe exhala no verão e outono o mau cheiro, de que proveiu o nome de mar Putrido, que os antigos lhe puzeram.

O mar d'Azof é fechado da banda da Europa pela flecha ou pontal de Arabat que o separa do Sivach, e pela península de Kertch, ao norte pelo territorio russo que os nogaes habitam, e alargando-se desde a Criméa até a embocadura do Don, o rio caudal que serve de limite entre a Europa e a Asia, cercam-no por esta banda as costas asiaticas russianas, povoadas pelos cossacos denominados do mar Negro. Tira o nome moderno da cidade d'Azof (*Tanais* dos gregos) situada n'um dos principaes braços do Don e á sua foz, e que tem sido centro de activo commercio, acha-se hoje com o porto quasi entulhado; é uma continuação da parte septentrional do mar Negro, communicando este pelo estreito de Yenikalé (o medonho bosphoro cimmerico da antiguidade), que aparta o angulo oriental da Criméa da provincia do Caucaso, e tambem se denomina estreito de Kaffa, de Kertch, e de Taman, pelos motivos que se deprenderão do seguimento d'este artigo.

Não são os lagos das marinhas os unicos phenomenos singulares d'estas regiões. A península de Kertch e a ilha de Taman, entre as quaes corre o estreito, possuem em diversos logares mananciaes abundantes de petroleo, e voragens que vomitam por vezes lodo salgado de mistura com grande quantidade de gaz. Muitos d'estes pégos acham-se actualmente seccos; pelo contrario outros estão em plena actividade e continuam a extravasar ondas de um liquido lodacento, que saem borbulhando por causa da abundancia de gaz que vem misturado.

Além dos que eram anteriormente conhecidos, e muitos dos quaes, como deixamos dito, seccaram depois, rebentou em o mez de fevereiro de 1794 um vul-

cão novo e da mesma especie. Esta erupção foi acompanhada de circumstancias que deram que entender aos homens scientificos; o douto Pallas, que visitou as localidades logo depois do facto, considerou-o tão notavel que o relatou circumstanciadamente.

O logar da erupção era uma pequena cova na corôa de uma eminencia onde costumavam conservar-se por muito tempo as aguas das neves e da chuva. A explosão foi temerosa, com estrondo parecido ao trovão, e simultaneamente jorrou da terra um repulcho de fogo, que durou meia hora acompanhado de fumo negro e denso, o qual, ainda muito depois de extincta a chamma, continuou bem como a forte ebullição que despedia as ondas lodosas a grande distancia da cratera. Desde então não cessou de transvasar este liquido crasso, porém lentamente; e tem formado muitas enxurradas que do cimo da collina se espalharam irregularmente na planicie. Na opinião do douto Pallas, a massa de lodo brotada d'aquelle boqueirão pôdia orçar-se em mais de cem mil toezas cubicas. Em julho do mesmo anno de 1794 os enxurros tinham seccado, e a abertura do vulcão esteve tapada com o lodo tambem secco, e de modo que se podia passar por cima sem risco; mas, o cachão que se ouvia server nas entranhas do monte provava que não estavam tão pacificas como a superficie.

D'ali a annos em 1799 outro vulcão lodoso originava novo phenomeno não menos extraordinario: aos 5 de setembro, apoz um grande rumor subterraneo, acompanhado de trovão espantoso, surgiu do mar d'Azof, defronte de Temioug, uma ilha, medindo de circumferencia obra de cem toezas, cujo centro parecia lançar lama, e por uma erupção vulcanica foi de subito coberta de fogo e fumo. No anno seguinte não appareciam vestigios de tal ilha, ou porque fosse desfeita pelas vagas, ou se afundasse no mar tão espontaneamente como saíra.

N'este paiz, onde no espaço de um anno surgem e desaparecem ilhas, tambem por vezes se tem visto abaterem-se e abysmarem-se sobre a sua base montanhas inteiras; exemplo o que assim aconteceu nas cercanias de Kutekukoy no dia 10 de fevereiro de 1784. Do vertice de um monte baixava um ribeiro, tendo cavado o leito no declive escarpado. A 10 de fevereiro começou a terra a abrir-se e separar-se formando duas enormes fendas em que absorveu todo o ribeiro, que até ali fazia moer duas azenhas. No entanto, a terra continuava a gretar-se cada vez mais, e os tartaros amedrontados por estes signaes singulares desampararam as vivendas, levando adiante de si os gados tambem espavoridos. Alta noite sentiu-se um estrondo horroroso; toda a assomada da montanha na extensão de uma milha e largura de 320 a 360 braças, despegou-se da base, e abateu sob o seu pezo. Este desmoronamento, que levou muitos dias, abriu um fosso de nove braças de fundo, no qual ficaram o espigão grande da montanha e duas cristas pequenas parallelas da rocha viva; á medida que uma parte da encosta se despegava da ossada do monte, toda a massa pezava na mesma proporção sobre a sua base, e a praia avançou pelo mar dentro n'um circuito de quasi 90 braças. Muitas casas e quintas sitas na ladeira da montanha para esta parte sumiram-se no cataclysmo bem como muitas terras de sementeira.

Mas, tão imprevidentes como os habitantes do Vesuvio, que passada a torrente da lava occupam outra vez o chão havia pouco invadido pelo fluxo incandescente, os tartaros donos das casas submergidas foram assentar novas habitações, sem cuidar de

futuras repetições do phenomeno, nos proprios locaes donde os expulsára o flagello.

(Continúa.)

EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA.

I.

OS POVOS MARAVES.

É realmente desolador o quadro que o sr. Gamitto traça da situação moral dos povos maraves.

As suas idéas religiosas reduzem-se a absurdas crenças nos artificios de ridiculos gangas e adivinhos; não têm amor algum ao trabalho, bem pelo contrario olham-no com a maior aversão, passando o tempo quasi em absoluta ociosidade, toques de instrumentos, e folguedos; não têm respeito nem confiança nos que os governam: só a superstição e o medo os contém.

Os milandos (demandas) são continuos, e poucas vezes as partes se conformam com as sentenças proferidas, recorrendo, na maxima parte dos casos, a vias de facto, e decidindo-os á flecha, o que os seus maioraes não procuram evitar, antes estimam, e até promovem, porque d'ahi lhes vem interesse.

Maus cidadãos, contemplam indifferentes as publicas calamidades; maus maridos, vendem as mulheres, e consentem o adulterio, se d'elle podem auferir lucro; maus paes, abandonam, matam e vendem os filhos por qualquer bagatella; maus filhos, desprezam aquelles que lhes deram o ser sem o menor escrúpulo.

Infelizmente isto que se observa em nações sertanejas é quasi o mesmo que se está vendo em muitas povoações da costa occidental e oriental de Africa, cujos habitantes vivem, em geral, entregues á crapula mais vergonhosa, praticando superstições não menos ridiculas que as dos cafres visinhos. A missão evangelica é o unico meio de pôr còbre a semelhantes desordens. Cremos, que na auctoridade ha todo o desejo de a promover; desgraçadamente o clero portuguez, que tanto se illustrou outr'ora nas missões de ultramar, não parece resolvido a segar para a religião a vasta messe de almas que se estão perdendo nas nossas vastissimas possessões africanas!

Não se cuide que os maraves, relegados totalmente da civilisação, e epilogo de todos os vicios e manhas de que é susceptivel a raça humana, são inteiramente destituídos de capacidade. Não é assim. As pessimas qualidades que distinguem estes cafres mais devem attribuir-se ao abandono em que se acham, e á ignorancia em que jazem sepultados, que a perversidade de indole, ou acanhez de intelligencia.

Os maraves são susceptiveis de civilisação; e o emprego perseverante do meio que apontamos, contém que havia de produzir excellentes fructos.

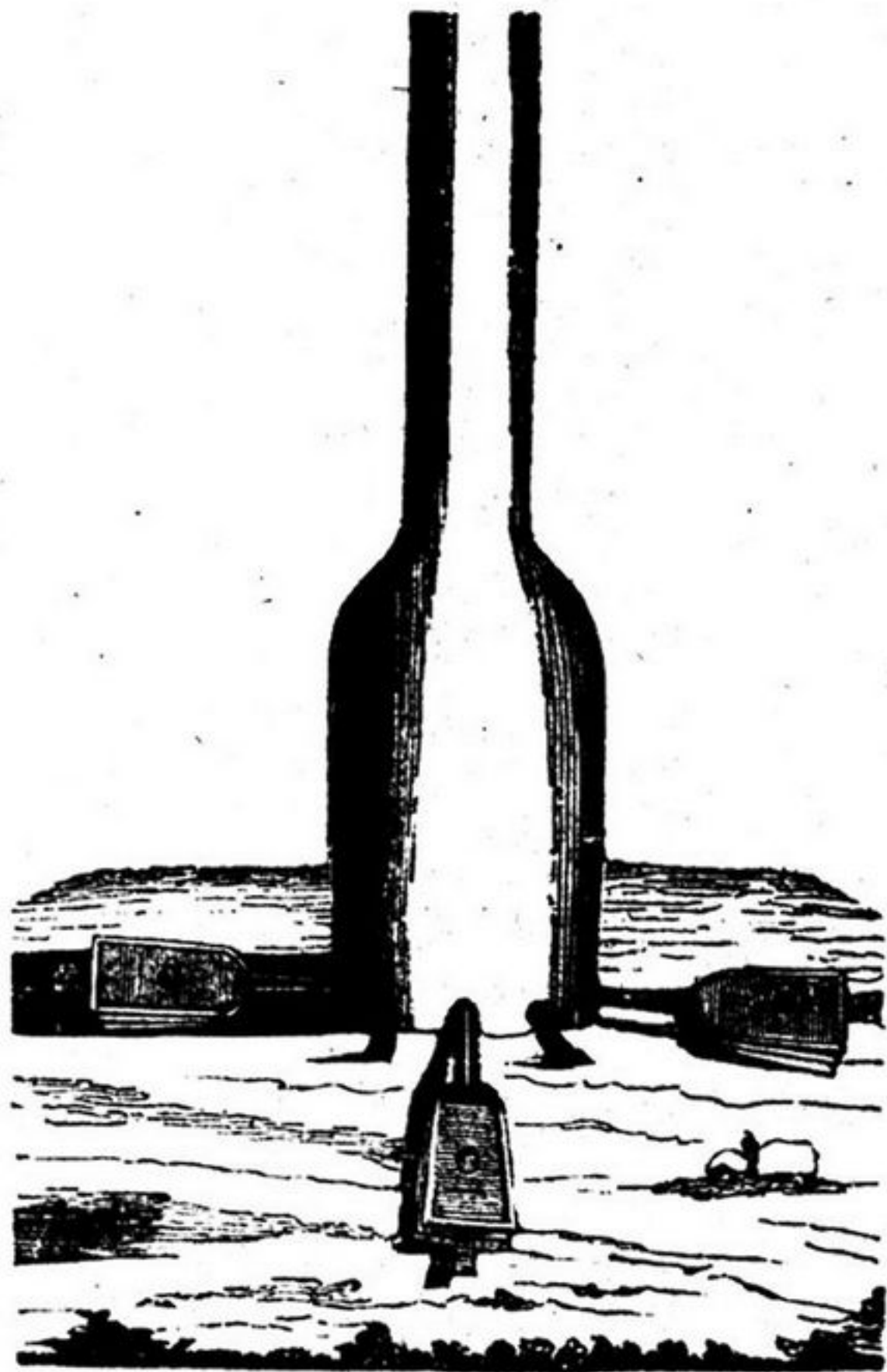
No que, em geral, os maraves excedem talvez todos os cafres d'aquellas regiões é na habilidade manual. Desconhecem todos os processos empregados pela industria europêa, e todavia fabricam os diversos objectos de que carecem com uma perfeição que espanta.

Em prova d'esta asserção, basta observar o modo por que preparam o ferro.

É tradição que os territorios da Africa oriental abundam em minas de toda a especie de metaes, ainda mesmo dos que se consideram mais preciosos, como são o ouro e a prata. Dizemos tradição, porque

não consta que se fizesse a similhante respeito qualquer trabalho de exploração regular, como aliás era indispensavel, para conhecer o numero e força dos depositos mineraes.

Do ferro, comtudo, independentemente do exame scientifico que julgamos urgentissimo, é licito afirmar que existe grande cópia; porque não só o asseveram unisonos todos os viajantes, como porque é incontestavel que os cafres d'elle fabricam grande numero de objectos, como são armas, instrumentos aratorios, etc. e colhem-no de certo n'aquelles sertões, pois não consta que o recebam de fóra.



(Forja marave.)

Eis como o sr. Gamitto descreve o methodo que os maraves usam para preparar e manipular o ferro. Depois de o apanharem, no que não encontram difficuldade, apparecendo ali este metal á superficie da terra, lançam-o em um tubo feito de barro, da altura de quarenta palmos com um de diametro, tendo a parte inferior cheia de carvão, que depois de acceso, assopram com folles feitos de pelle de cabra á similhança dos que empregam os nossos caldeireiros.

O ferro sae por uns buracos abertos na base do tubo; e assim vão tirando o metal derretido, que empregam nas suas obras. Os instrumentos de que se servem são um folle; uma pedra que lhes serve de bigorna; outra mais pequena de martello, e dous paus que substituem a tenaz; e com esta ferramenta, diz o nosso explorador, que executam todos os trabalhos com perfeição admiravel!

A nossa gravura representa uma forja marave completa.

(Continúa.)

Feliz aquelle que, depois de uma longa carreira, conserva ainda assás de vigor e de vontade para ser prestavel á humanidade.